A crise da iniciação cristã: um obstáculo à renovação da pastoral

Sérgio Gonçalves Mendes ¹

Resumo: O apelo do Concílio Vaticano II para um resgate da iniciação cristã (SC, n. 64,71) não teve o alcance pretendido, apesar de algumas iniciativas exitosas, como o Rito da Iniciação Cristã de Adultos. Ora, essa crise da iniciação mistagógica à fé cristã fragiliza o compromisso dos fiéis com a missão evangelizadora da Igreja e, por conseguinte, com a ação pastoral. De fato, é na iniciação ao Batismo, Crisma e Eucaristia que se lançam as bases da práxis cristã, segundo o axioma *lex orandi, lex credendi, lex agendi*, ou segundo a intrínseca relação entre *kerygma-martyria, leiturgia e diakonia*. A crise gerada pela pandemia da COVID-19 apenas lançou luz sobre essa fragilidade na transmissão da fé, dando margem a extremos como o de grupos fundamentalistas católicos “famintos de Eucaristia” ou do isolamento eclesial (in-) voluntário de muitos fiéis. Nosso objetivo é mostrar que o resgate da iniciação cristã faz-se ainda mais necessário e tem sido o grande diferencial do pontificado do Papa Francisco, que a todo tempo e lugar remete mistagógicamente seus ouvintes à centralidade do mistério da fé cristã. Empregaremos a metodologia da análise de documentos do Concílio Vaticano II, de alguns expoentes da Patrística e dos escritos do Papa Francisco.

Palavras-chave: Iniciação Cristã. Mistagogia. Pastoral. Papa Francisco.

INTRODUÇÃO

Vivemos, como afirmaram os bispos latinoamericanos, uma “mudança de época”, mais do que uma “época de mudanças” (DA 44; DGAE 2008-2010, n. 13), que apresenta não poucos desafios à ação pastoral da Igreja. Destacam-se a fragmentação religiosa; a disseminação do ódio e da mentira através das redes sociais, envolvendo inclusive alguns que se dizem cristãos ou pessoas religiosas; o aumento da desigualdade, da injustiça e da “multidão de descartados”; um consumismo inconsequente para com o destino da nossa casa comum.

Nossa intenção não é analisar esse cenário extraeclesial, mas ater-nos principalmente ao intraeclesial e uma de suas dificuldades principais para lidar com esse contexto extraeclesial. Defendemos que o contexto da pandemia da COVID-19 lançou luz sobre a fragilidade na transmissão da fé cristã no seio católico já indicada pelo Concílio Vaticano II. Trata-se da questão da iniciação cristã.

Pretendemos mostrar que o apelo do Concílio continua não só atual, mas de extrema importância e urgência, e que a iniciação cristã explica em grande parte muitas das dificuldades enfrentadas pela ação pastoral da Igreja.

Por fim, analisaremos como o pontificado do Papa Francisco tem resgatado as linhas centrais da iniciação cristã e seu impacto positivo para a ação pastoral da Igreja.

¹ Doutor em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Email sergiomendes@puc-rio.br

1 O APELO CONCILIAR E SEUS DESDOBRAMENTOS

É principalmente através do Decreto *Ad Gentes* (n. 13-15) e da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (n. 64-65) que os padres conciliares fomentaram o resgate da iniciação cristã, em particular do catecumenato. Trata-se de uma demanda que já havia surgido no seio da Igreja ainda no século XVI (FLORISTÁN, 1989, p. 79-88).

Esse resgate da iniciação cristã foi, ao menos em parte, o reconhecimento do prejuízo do acento na linguagem verbal-conceitual para a transmissão da fé, em detrimento da linguagem litúrgico-simbólica própria dos primeiros séculos da Era Cristã (MARTÍN, 1999). A primazia da linguagem verbal-conceitual tendeu a reduzir a transmissão da fé à doutrinação, à apropriação gnosiológica de verdades. Já a linguagem litúrgico-simbólica, até século V d.C., visava principalmente à imersão no mistério da salvação (mistagogia), à experiência com Cristo vivo e ressuscitado. É necessário sinalizar que não se trata apenas de um problema de linguagem, mas da própria compreensão da relação humana com o mistério de Deus revelado em Cristo (CHAUVET, 1988, p. 37-47).

Do lado da linguagem verbal-conceitual subjaz uma ontoteologia que se constitui em grande medida no horizonte de uma relação Sujeito (ser humano) x Objeto (Deus). Do lado da linguagem litúrgico-simbólica subjaz a automanifestação de Deus em Cristo e a experiência orante e ética de encontro com esse mistério, no horizonte da relação Sujeito (Filhos-no-Filho-pelo-Espírito) + Sujeito (Pai). Naturalmente que não se trata de negar o valor e a importância da linguagem verbal-conceitual, mas o acento histórico nessa forma de transmissão da fé, em especial através de inúmeras edições de catecismos, acabou por levar ao esquecimento do caráter analógico da linguagem para referir-se a Deus. Por sua própria natureza o símbolo é mais afeito ao mistério porque não tem aquela pretensão do conceito de esgotar o objeto. De fato, todo conceito carrega a tendência a ser retrato estático de um determinado fenômeno, daí sua dificuldade para referir-se a realidades dinâmicas como as diversas relações do ser humano consigo, com o outro, com Deus e com o cosmos.

O apelo conciliar resultará na publicação do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) em 1972. Durante as etapas preparatórias deste ritual, que contou com experiências catecumenais ao redor do mundo, havia clareza de que se trataria não de uma preparação ao rito, mas de uma iniciação à vida cristã (FLORISTÁN, 1989, p. 118), daí a relevância dada à fundamentação bíblica e patrística. Também fica claro no RICA que a iniciação é uma tarefa de toda a Igreja: a comunidade local, o(a) catequista, os padrinhos, o presbítero e o bispo.

Apesar de seus muitos aspectos positivos o RICA não logrou seu intento de ajudar no resgate da iniciação cristã. Várias são as justificativas: a) Este ritual não deu o devido espaço à diversidade das culturas (embora em vários momentos incentive as necessárias adaptações aos tempos e lugares); b) o RICA não atende bem à realidade atual da Igreja que tem uma grande parcela de batizados que nunca fizeram uma verdadeira iniciação cristã; c) o batismo de crianças aliado às fragilidades da catequese é ainda um grande desafio pastoral; d) para o êxito do resgate do catecumenato a comunidade eclesial deveria viver em estado de missão

(evangelização); e) uma formação global da fé (conversão, ritos, a Palavra de Deus escutada, celebrada e vivida); f) a necessidade de que a liturgia da comunidade se torne em ato uma fonte para a catequese de toda a comunidade (FLORISTÁN, 1989, p. 125, CAVALLOTTO, 1996, p. 255-260; SARTORE, 1987, p. 327-328).

2 A ATUALIDADE DO RESGATE DA INICIAÇÃO CRISTÃ

É um equívoco pensar que a iniciação cristã diz respeito apenas àqueles que desejam converter-se à fé cristã. De fato, a iniciação cristã é uma aprendizagem de toda a vida cristã, pois compreende através da preparação para o Batismo-Crisma-Eucaristia, uma inserção no mistério da salvação, a prática dos costumes evangélicos, a introdução à fé pela liturgia e pela caridade junto ao Povo de Deus (AG, n. 14).

Ora, a existência cristã só se entende a partir desse mistério salvífico e sacramental. Cervera (1983, p.719) é enfático ao defender que a oração, o trabalho, o testemunho, a fraternidade, o sentido pascal da dor e da alegria, o martírio, a contemplação, as virtudes teologais, tudo está contido nos sacramentos da iniciação cristã.

Por essa razão, a iniciação cristã é uma necessidade de toda a comunidade, pois todos os cristãos temos a necessidade de ser re-introduzidos nas fontes do mistério salvífico de Deus. De fato, entende-se aqui que a Igreja além de *Ecclesia Mater* é também *Ecclesia semper initianda*. Ao iniciar um novo catecúmeno a comunidade inteira rememora aquilo que ela é chamada a ser. Com efeito, o RICA (n. 148), no Tempo da Purificação e Iluminação sugere a seguinte oração pelos eleitos:

Queridos irmãos e irmãs, preparando-nos para celebrar os mistérios da paixão e ressurreição, iniciamos hoje os exercícios quaresmais. Os eleitos que conduzimos conosco aos sacramentos pascais esperam de nós um exemplo de conversão. Roguemos ao Senhor por eles e por nós, a fim de que nos animemos por nossa mútua renovação e sejamos dignos das graças pascais.

Diante das inegáveis fragilidades na transmissão da fé que presenciamos praticamente em toda a Igreja Católica defendemos que o resgate da iniciação é o caminho mais promissor para a superação não apenas deste desafio, mas para a maior fecundidade de toda a ação pastoral da Igreja.

Poder-se-ia objetar aqui que a Igreja Católica nunca deixou de valorizar os sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia. Não seria, portanto, uma ingênua pretensão supor que a liturgia sacramental é o caminho para afrontar os desafios postos à Igreja pela pós-modernidade? Responderemos a essa questão ao longo de nossa argumentação.

3 DA INICIAÇÃO À AÇÃO PASTORAL: UM ÚNICO MOVIMENTO EM TRÊS ATOS

É necessário desfazer um equívoco frequente na compreensão dos sacramentos da Igreja. Eles não são um fim em si mesmos, são meios comunitários para a crescente configuração de todo fiel com a pessoa, a mensagem e a práxis de Jesus de Nazaré, a fim de que ele possa dar continuidade, junto à comunidade de seus seguidores, de sua obra de salvação. Por essa razão a Igreja é, com bem recordou o Concílio Vaticano II, sacramento de salvação para o mundo (LG, n. 1).

Logo, o objetivo último da liturgia não é o incremento numérico de celebrações sacramentais como uma espécie de crédito junto a Deus em prol de uma salvação exclusivamente individual, mas a “cristificação” de toda Igreja, pela ação do Espírito Santo, para a glória de Deus Pai e salvação de toda a humanidade.

Agora pode-se compreender melhor o alcance da afirmação conciliar (SC, n. 10) de que a liturgia é “cume e fonte” da atividade da Igreja. Ela é cume porque critério de validação de qualquer ação pastoral. Uma ação eclesial que não tenha vínculo claro com o mistério salvífico celebrado nos sacramentos não é uma verdadeira ação pastoral, ainda que possa ter seus méritos. Por outro lado, a liturgia é fonte de toda a ação da Igreja porque é do mistério pascal de Cristo, celebrado nos sacramentos, que brota de forma centrípeta toda a força evangelizadora da Igreja.

A tradição da Igreja, desde os primeiros séculos já havia compreendido a intrínseca relação entre oração, profissão de fé (testemunho) e serviço da caridade através do conhecido axioma *lex orandi, lex credendi, lex agendi*: a norma do orar (*leiturgia*) é a norma do crer (*kyrygma-martyria*) e do agir (*diaconia*) (TABORDA, 2003, p. 71-86).

Portanto, toda visão que realize uma ruptura entre a liturgia e a ação pastoral, ou, em termos mais bíblicos, entre culto e ética, não expressa a genuína tradição da fé cristã. De fato, o movimento do Espírito Santo no Corpo de Cristo que é a Igreja se realiza nesses três atos inseparáveis e interdependentes, a oração, a profissão de fé e o serviço da caridade. (CATECISMO, 2013, n. 2558; SC, n. 2; CHAUVET, 1988, p. 233-271)

Em suma, nos sacramentos da iniciação cristã encontram-se compilados os pilares da fé cristã de tal sorte que toda ação da Igreja se situa em maior ou menor importância em função do grau de relação que estabeleça com esses fundamentos. Com muita razão a esse propósito defende o Papa Francisco que o sentido de o querigma situar-se no chamado “primeiro anúncio” é que “primeiro” mais do que um número ordinal quer significar “principal” (EG, n. 164-165; 36). Na iniciação cristã, com efeito, encontra-se o principal da fé e da vida de um cristão.

4 A CRISE DA PASTORAL:

Poderíamos falar da crise da ação pastoral da Igreja a partir de dados e evidências internas, fornecidas pelas conferências episcopais e outros órgãos eclesiais ao redor do mundo. Mas creio que uma análise externa talvez seja suficiente para manifestar o limitado alcance de nossa ação pastoral.

Segundo uma pesquisa do Pew Research Center, em 2015, EUA, Brasil e México, os três países com maior número de cristãos do mundo, concentram juntos 23,8% da população mundial de cristãos. (PEW RESEARCH, 2019)

Já segundo o Anuário Pontifício de 2017 e o *Annuarium Statisticum Ecclesiae* de 2015 havia, em 2015, cerca de 1,285 bilhões de católicos no mundo; o Brasil figurava como maior país católico, seguido por México e Filipinas. Esses três países respondiam por 28,5% dos católicos do mundo. (HOLY SEE, 2017)

No entanto, segundo o índice GINI, que mede a desigualdade no mundo, o Brasil ocuparia por volta do 9º lugar, o México o 28º e as Filipinas o 43º (BANCO MUNDIAL). O país mais católico do mundo é também um dos países mais injustos.

Poderíamos nos estender ainda sobre temas como fome, corrupção, degradação ambiental, educação, saneamento básico, saúde e chegaríamos à triste conclusão de que em geral os países com expressiva presença católica não são mais justos do que tantos outros, e é também possível que a situação não fosse muito diferente se considerássemos não apenas o universo católico, mas o da totalidade dos cristãos.

Decerto que o combate à desigualdade e à injustiça são obrigações primeiras dos Estados. No entanto, os fiéis cristãos católicos de modo direto e indireto possuem mecanismos políticos e jurídicos para cobrar do Estado a mitigação desses dramas sociais. É verdade que nossa ação pastoral direta tem se voltado ao enfrentamento de muitos dos dramas elencados, mas proporcionalmente nosso raio de ação é deveras modesto, sugerindo que boa parte dos que se declaram católicos não se empenham explicitamente com alguma ação pastoral.

De qualquer modo, não deixa de causar escândalo pensarmos que com 172,2 milhões de católicos em 2015 (HOLY SEE, 2017), o Brasil tivesse naquela ocasião por volta de 9 milhões de cidadãos vivendo com insegurança alimentar grave (fome) (IBGE 2019). Bastaria o empenho dos católicos para eliminar a fome no Brasil. E não se pense que isso aconteceria apenas com doação de alimentos, mas sobretudo pelo questionamento massivo das estruturas sociopolíticas geradoras da exclusão e pela mobilização da população.

Como nos lembra o Documento de Aparecida, os pobres não são apenas destinatários da ação pastoral, mas lugar de encontro com o próprio Cristo que neles padece (DA, n. 257). Daí brota o sonho de que a Igreja se torne efetivamente a “casa dos pobres” (DA, n. 8; DGAE 2008-2010, n. 9). Para isso ela reconhece-se necessitada de conversão, a fim de não se instalar

na “comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres” (DA, n. 362).

A permanência desse cenário de desigualdade em praticamente toda a América sinaliza que, apesar dos louváveis esforços de muitos cristãos católicos, estamos longe de manifestar ao mundo os sinais eloquentes do Reino de Deus.

5 O OCASO DA AÇÃO PASTORAL EM DOIS EXTREMOS: FUNDAMENTALISMO E RELATIVISMO PRÁTICO

Nesse cenário de crise da ação pastoral encontramos dois extremos que nos ajudam a situar a importância da recuperação da iniciação cristã. De um lado o extremo do fundamentalismo católico e de outro o relativismo prático.

Um exemplo paradigmático de fundamentalismo católico encontramos no grupo de “famintos de Eucaristia” da Diocese de Divinópolis – MG, que reclamavam o acesso à Eucaristia, mesmo em meio às exigências sanitárias de distanciamento social por causa da COVID-19. O bispo Dom José Carlos de Souza Campos, em 28 de abril de 2020, publicou uma carta aberta dirigindo-se com grande sabedoria pastoral a esse grupo faminto da Eucaristia. Nesta carta, resgata a teologia eucarística emanada em especial do Concílio Vaticano II e do alcance da compreensão da própria Igreja como Corpo Místico de Cristo (CAMPOS, 2020).

Indo além da argumentação do citado bispo, convém notar que para muitos católicos a Eucaristia foi reduzida a uma espécie de instrumento de santificação pessoal que chega a se sobrepor inclusive ao cuidado com a vida e a saúde dos irmãos e irmãs da própria comunidade cristã. Em grupos de Whatsapp e em site de movimentos neoconservadores católicos não faltaram aqueles que, ecoando a demanda dos “famintos de Eucaristia”, defendiam inclusive que era preferível contaminar-se com o vírus da COVID-19 ao alimenta-se da Eucaristia porque assim até a possível morte seria acompanhada da garantia de entrada no céu pelo estado de graça alcançado pela própria Eucaristia².

Interessa-nos aqui apenas resgatar um princípio da teologia eucarística exemplarmente sintetizado por Santo Agostinho: “Sede o que vedes e recebei o que sois” (AGOSTINHO, 1983, p. 768). Esse argumento é também retomado com outras palavras por Nicolau Cabasilas ao defender que aqueles que se nutrem do corpo e sangue do Senhor são transformados nEle mesmo (CABASILAS, 1989, IV, n. 37, p. 299). O papa Bento XVI desenvolve esse argumento com outros exemplos em sua exortação apostólica *Sacramentum Caritatis* (n. 70).

Ora, o princípio teológico fundamental da Eucaristia é tornar-nos pela ação do Espírito Santo, corpo e sangue de Cristo, salvação para o mundo. É esse inclusive o pedido explícito

2 Cf. <https://fratresinunum.com/2020/04/27/eugenia-espiritual-ou-abandono-dos-feis-uma-resposta-ao-bispo-de-divinopolis/>. E aqui: <https://templariodemaria.com/bispo-critica-ferozmente-feis-que-manifestaram-desejo-de-receber-a-eucaristia-durante-pandemia/>. Ambos acessados em 31 de maio de 2021. Ver também os comentários dos internautas no primeiro link indicado acima.

indicado pela epiclese sobre os comungantes. De fato, enquanto a primeira epiclese pede que o Espírito transforme as oferendas sobre o altar no Corpo e Sangue de Cristo, a epiclese sobre os fiéis da assembleia pede que o mesmo Espírito os faça um só corpo em Cristo, como nos lembra o papa Bento XVI na mesma exortação que indicamos acima (n. 13).

Dessa forma, compreende-se que o distanciamento social exigido pelo contexto da COVID-19 longe de ser um empecilho à configuração com Cristo é a oportunidade de uma verdadeira vivência eucarística, na medida em que ofereço o sacrifício do meu próprio corpo, vontade, desejo, etc. em prol da vida dos irmãos. Não foi o próprio Cristo que, a propósito, disse que não haveria maior amor do que dar a vida pelos irmãos? (Jo 15,13)

Portanto, a verdadeira fome eucarística se revela no desejo de servir os irmãos e não no de servir-se da Ceia do Senhor. Sem o serviço aos irmãos a Eucaristia corre o risco de se tornar completamente esvaziada de seu sentido original. Vê-se aqui, a falta que uma boa iniciação cristã faz para o bem da comunidade cristã e do mundo. Em Aparecida, os bispos reunidos revelaram ter clara consciência dessa urgente necessidade (DA, n. 170, 291-294)

O outro extremo a que nos referíamos anteriormente, o do relativismo prático, embora em sentido contrário ao do fundamentalismo, conduz aos mesmos desvios do mistério salvífico de Cristo. Trata-se daquilo que o Papa Bento XVI chamava de “medíocre pragmatismo da vida cotidiana” e que foi reafirmado pelos bispos latinoamericanos reunidos em Aparecida (DA, n. 12). Aqui o encontro com o mistério de Cristo vivo e atuante em seu corpo que é a Igreja é substituído por uma adesão seletiva de verdades com roupagem moralizante.

Nem os “famintos da Eucaristia” e nem os que vivem um relativismo prático “encetaram o caminho da fé e da conversão” como propõe o RICA (n. 1). Não se dão conta de que o sinal mais eloquente da conversão cristã não é o movimento *ad intra*, mas o *ad extra* (ou *ad gentes*). Por isso a insistência dos bispos em usar expressões como “missão salvadora da Igreja” (LG, n. 30) ou “discípulo missionário” (DA, n. 10).

6 O RESTAGE DA INICIAÇÃO CRISTÃ NO APOSTOLADO MISTAGÓGICO DO PAPA FRANCISCO

Desde o início de seu pontificado o Papa Francisco se apresenta publicamente como um verdadeiro mistagogo, um iniciador ao mistério de Deus. Através de gestos e palavras eloquentes orienta seus interlocutores aos fundamentos da fé cristã.

É muito significativo que em sua primeira encíclica, a *Lumen Fidei* o nosso pontífice inicie sua reflexão a partir do significado cristão da luz associada à fé. Difícil não ver aqui uma referência à própria iniciação cristã compreendida como caminho de “iluminação” e que é rerepresentada pelo papa ao longo de seu texto (cf. LF, n. 37-46). Nessa primeira encíclica o papa argentino apresenta a fé através de uma verdadeira tipologia bíblica, bem aos moldes das catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, João Crisóstomo e outros padres dos

primeiros séculos da era cristã. A linguagem é envolvente, direta e poética, sem dever nada à profundidade teológica.

É esse tipo de linguagem que vemos repetida pelo papa em vários de seus pronunciamentos, escritos, homilias e até entrevistas. Francisco não perde tempo com estruturas adversativas apologéticas iniciadas geralmente por expressões como “mas...”, “contudo...”, “porém...” com intuito de modular, contradizer ou retroceder no que foi afirmado. Trata-se de um discurso bastante desarmado e transparente, sem indiretas. Até nas críticas o pontífice é bastante franco e sem rodeios.

Em seus escritos deixa ainda explícita sua preocupação de oferecer aos fiéis fácil acesso à centralidade dos mistérios da fé cristã (EG, n. 35-36), por exemplo, garantindo uma linguagem que faça sentido aos ouvintes atuais (EG, n. 41); reafirmando a importância da iniciação cristã e de uma catequese mistagógica (LF, n. 42; EG, n. 163-166); defendendo que a apresentação da verdade se faça acompanhar sempre do amor (LF, n. 53); ampliando o horizonte de compreensão da própria Eucaristia, ao recordar seu significado cósmico, como já haviam anunciado João Paulo II e Bento XVI, mas unindo-a ao compromisso ecológico. (LS, n. 236); e de modo muito peculiar uma opção pelos mais pobres manifestada em gestos concretos e fundamentada na práxis do próprio Cristo.

E por falar em gestos, destacam-se aos nossos propósitos: a visita do Papa Francisco aos imigrantes chegados à Lampedusa em 2013, acompanhada de uma homilia cujo tema central era “Onde está o teu irmão?” (Gn 4,9), a revelar clara coerência entre palavras e gestos; em 2016 visitando o campo de refugiados em Lesbos (Grécia); em 2019 beijando os pés dos líderes do Sudão do Sul em nome da paz;; a busca incessante de diálogo, resultando em declarações comuns em prol da unidade de várias denominações cristãs (Jerusalém, Moscou, Grécia, Geórgia, etc.).

O notório alcance da fala de Francisco, fazendo-se ouvir até mesmo em meios não católicos, indica que a mensagem nuclear do Evangelho ainda é capaz de atingir os corações e as mentes de muitos atualmente. Nosso papa sinaliza que nossa ação pastoral pode se tornar mais eloquente se mais voltada à centralidade do mistério cristão.

Contudo, essa fidelidade do nosso papa latinoamericano ao espírito renovador do Concílio Vaticano II despertou não poucas iras e ataques de grupos conservadores, indicando que as mudanças necessárias na Igreja encontram muitas vezes mais resistências internas do que externas.

CONCLUSÃO

O apelo conciliar pela recuperação da iniciação cristã continua atual e necessário. O RICA oferece pistas importantes para uma renovação das comunidades cristãs, mas a iniciação cristã supõe o envolvimento de toda a comunidade e não apenas do presbítero e dos(das) catequistas.

O papa Francisco tem mostrado em seu pontificado que gestos e palavras que priorizem a centralidade do mistério salvífico de Cristo continuam capazes de alcançar as mentes e os corações das mulheres e homens de nosso tempo. O próprio papa, no *Regina Coeli* de 2 maio de 2021, resumiu numa frase redundante, mas eloquente, o critério fundamental de toda ação pastoral da Igreja: “Uma vida verdadeiramente cristã dá testemunho de Cristo”.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Alocución a los neófitos (Sermón 272 (PL 38, 1246-1247)). In: LANERO, Miguel Fuertes et al. *Obras completas de San Agustín*. Vol. XXIV. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983. (BAC, n. 447)

BANCO MUNDIAL. Índice de Gini. Disponível em: https://datos.bancomundial.org/indicador/SI.POV.GINI?end=2000&most_recent_value_desc=true&start=2000&view=map&year=2014. Acesso em: 23 mai. 2021.

CABASILAS, Nicolas. *La vie en Christ: Livres I-IV*. Paris: Du Cerf, 1989. (Sources Chrétiennes, n. 355).

CAMPOS, Dom José Carlos de Souza. Divinópolis, 2020. Disponível em: https://diocesedivinopolis.org.br/c/noticias/pensando-nas-pessoas-dos-grupos-de-risco-artigo-com-notas#_ftnref1. Acesso em: 31 mai. 2020.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html. Acesso em: 18 mai. 2021.

CAVALLOTTO, Giuseppe (Org.). *Iniziazione cristiana e catecumenato: Diventari cristiani per essere battezzati*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1996.

CERVERA, J.C., Iniciación Cristiana. In: DE FIORES, S.; GOFFI, T. *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*. 2a ed. Madrid: Paulinas, 1983.

CHAUVET, Louis-Marie. *Symbole et sacrement: une relecture sacramentelle de l'existence chrétienne*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1988. (Collection Cogitatio Fidei, 144)

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 28 abr. 2021.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium. Sobre a Sagrada Liturgia*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 28 abr. 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. 2a ed. São Paulo: Paulus/Paulinas, Brasília: CNBB, 2007.

FLORISTÁN, Casiano. *Para comprender el catecumenado*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1989.

HOLY SEE Press Office. Bollettino: Sala Stampa della Santa Sede. 06 abr. 2017. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2017/04/06/ter.pdf>. Acesso em: 23 de mai. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018: Análise da Segurança Alimentar no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

MARTÍN, Julián López. Liturgia y Catequesis. In: PEDROSA, M.; NAVARRO, M.; LÁZARO, R.; SASTRE, J., *Nuevo Diccionario de Catequética*. Madrid: San Pablo, 1999. (Versão digital para e-Sword. Não paginado).

PEW RESEARCH Center. 10 countries with the largest Christian populations, 2015 and 2060. 31 mar. 2019. Disponível em: https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/04/01/the-countries-with-the-10-largest-christian-populations-and-the-10-largest-muslim-populations/ft_19-03-29_muslimchristianpopulations_christian/. Acesso em: 23 mai. 2021.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Dir.) *Nuevo diccionario de Liturgia*. 2a ed. Madrid: Paulinas, 1987.

TABORDA, Francisco. Lex orandi – Lex credendi: origem, sentido e implicações de um axioma teológico. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 35, p. 71-86, 2003.